

O Arquiteto e o Imperador da Assíria da Cia de 2

Por Felipe de Menezes¹

Quando Hernán Cortés chega ao altiplano mexicano em 1519 ele tem um contingente de dez mil indígenas e apenas quinhentos espanhóis – segundo alguns historiadores que chamam essa conquista de nahua-hispânica. A violência dos (tidos como) civilizados contra os autóctones é de uma longuíssima época e não começa em 1500. A primeira ideia de escravização de um homem sobre um outro data de quando este passou a dominar a agricultura e domesticar os animais e, partindo dessa habilidade, resolve também dominar e submeter um outro igual a si. Na história mais recente, o processo de conquista aqui nas planícies do Sul é, como todes sabemos, marcada pela violência, pelo sequestro, pela comercialização de corpos e pelo silenciamento (quando não apagamento) pelo dominador das culturas dos dominados. E o espanhol Arrabal sabia disso assim como nós todes sabemos.

Fernando Arrabal e um conjunto de outros dramaturgos do pós-Guerra passam a tecer suas escritas ambientadas num mundo onde a comunicação entre as pessoas passava a dar sinais evidentes de um fracasso absurdo. O teatro da absurdidade, expressão cunhada pelo crítico inglês Martin Esslin, documenta uma paisagem de desolação, de solidão e de incomunicabilidade entre as personagens. Arrabal e os dramaturgos da absurdidade quase sempre exploram em suas peças o tema da dominação. *O Arquiteto e o Imperador da Assíria*, texto escrito por Arrabal em 1967, não foge à regra: em cena um naufrago que, pelo poder do verbo, domestica um nativo que, por sua vez, apreende o mundo da linguagem ao ponto

¹ Felipe de Menezes é diretor, iluminador e professor de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior paulista. Atualmente é professor de teoria e história do teatro no Teatro Escola Macunaíma e na Escola Livre de Teatro. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro) além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

de, no final, não sabermos mais quem domina quem. Entre jogos de faz de conta, numa arena de instintos e intuições, a peça nos faz refletir sobre o autoritarismo provindo da linguagem. A arma aqui não é apenas chicotes e balas – como no caso de Cortés –, mas, sobretudo, a palavra, a dominação pela linguagem e os jogos de sedução (homoeróticas).

A Cia de 2, fundada em 2006, trouxe à cena no dia 22 de outubro de 2021, no 35º Festival, um de seus espetáculos de repertório. *O Arquiteto e o Imperador da Assíria* é uma obra primorosa, sobretudo pelo trabalho de atuação de Jean de Oliveira e Jonas di Paula como o arquiteto e o imperador da Assíria, respectivamente. O jogo rápido, a disponibilidade física e vocal dos atores, só comprovam a seriedade com que conduzem suas pesquisas estéticas. A companhia tem se proposto, desde o seu primeiro projeto, a investigar o “universo cômico a partir de três pilares: o existencialismo, verdade cênica e o estado visceral do ator”. Com quatro espetáculos em seu histórico, a companhia revela à cidade a importância da continuidade na pesquisa em teatro, no recorte e delimitação de suas investigações e nas parcerias, sempre enriquecedoras, com outros artistas da cidade e de fora dela. Exemplo dessa parceria é o contato que o grupo teve com o Projeto Ademar Guerra que indicou Leo Antunes para orientar e dirigir o trabalho hoje apresentado.

O Projeto Ademar Guerra em muitas cidades acaba sendo a única ação cultural efetiva do governo do estado de São Paulo – razão pela qual fomentou e ainda fomenta o fazer teatral nas cidades do interior e litoral onde escolas de teatro são praticamente inexistentes. A tradição dos grupos amadores do interior e do litoral paulista é uma formação tradicional, baseada na transmissão de saberes de um ou uma artista mais experiente para um grupo de artistas mais jovens e sem muita experiência. Nesse sentido, o Projeto faz a vez de um espaço formativo sobretudo, por estar alicerçado em princípios pedagógicos e artísticos de grande relevância.

Evoé Cia de 2!